



Secretaria de
Educação



Coordenadoria de Biblioteca

Comunidade Escolar

Crônica Jornalística

Réquiem para um jardim Rubem Alves

Ah! Meu jardim, jardim com que sonhei, minhas netas voando nos balanços, o barulho das fontes misturado ao canto dos pássaros, jardim sonhado pelos poetas e profetas... O que foi que lhe fizeram? Seus muros estão derrubados. Por todas as partes se ouve o rosar dos lobos e das hienas. E não mais se ouve os risos das crianças.

Os balanços estão abandonados. Os namorados já não passeiam de mãos dadas pelas praças. E os adultos, por medo, se transformaram em toupeiras, refugiaram-se em buracos fortificados a que deram o nome de condomínios, inutilmente...

Jardim é coisa frágil. Não existe naturalmente. A natureza, em si, é bruta e insensível. São os sonhos e o trabalho dos homens que a transformam em jardim e a tornam bela e amiga.

Essa é a razão de os jardins serem cercados por muros. Os muros separam a vida da morte, a beleza do horrendo. Do lado de fora ficam as feras, os salteadores e os criminosos. Eles não amam os jardins. O que desejam é saquear os jardins. São emissários do mundo das trevas. Por isso não são humanos. Porque a marca dos seres humanos é o amor aos jardins. Foi assim que Deus nos criou, para que fôssemos jardineiros. Eles têm a aparência de humanos, mas não são. Ser humano é amar os jardins. Por isso eles não têm aquilo a que se deu o nome de "direitos humanos". Os "direitos humanos" foram criados para proteger a vida frágil que vive nos jardins: "Bem-aventurados os mansos..." Por isso, porque eles não são humanos, os direitos humanos não podem ser invocados para proteger os saqueadores dos jardins.



Secretaria de
Educação



Coordenadoria de Biblioteca

Comunidade Escolar

Para os que não entendem a linguagem da poesia, eu explico. O jardim é uma metáfora da sociedade: é a sua grande utopia, a estrela inatingível que indica a direção. O Estado é a instituição criada pelos jardineiros para proteger o jardim. Sua função não é plantar o jardim. Sua função é criar um espaço seguro para que os cidadãos-jardineiros possam plantar o jardim. Os jardineiros têm uma missão de amor. Por isso são fracos. Mas o Estado tem uma missão de força. Por isso ele tem de ser forte. É preciso ser forte para deter a morte.

O Estado constrói os muros. Os muros são as leis que dizem "não" à morte. Mas as leis, sozinhas, são fracas. É fácil pular o muro. Por isso o Estado cria "guardas do jardim", cuja missão é dar força às leis. Os jardineiros usam pás e enxadas, instrumentos de vida. Os "guardas do jardim" carregam armas, instrumentos de morte. Por vezes é preciso matar para proteger a vida.

A marca do Estado é a espada que ele tem nas mãos. Se, por acaso, o Estado se mostrar incapaz de usar sua espada para a proteção do jardim, ele perde a sua legitimidade. Um Estado incapaz de punir os criminosos deixou de ser Estado. Quando o Estado deixa de existir, o medo e a morte tomam conta do jardim.

[...]

ALVES, Rubem. Réquiem para um jardim. Folha de São Paulo, Caderno Opinião, 29 jan.2002. (Fragmento).

Para acesso ao texto clique em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2901200210.htm>.

Acesso em: 15 abr. 2020